

A saúde socioemocional dos professores da rede pública estadual de Fortaleza**The socioemotional health of the teachers of the state public network of Fortaleza**

DOI:10.34117/bjdv6n9-172

Recebimento dos originais: 10/08/2020

Aceitação para publicação: 09/09/2020

Juliana Vieira de Mesquita

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)

e-mail: julianamesquit4@gmail.com

Preciliana Barreto de Moraes

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Professora Adjunta do Curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

e-mail: preciliana.morais@uece.br

Antônio Fábio Macedo de Sousa

Cientista Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC)

e-mail: afabio.macedo@alu.ufc.br

Rosendo Freitas de Amorim

Pós-Doutor em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

e-mail: rosendo@unifor.br

Francisco José Rodrigues

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

e-mail: philos.franze@gmail.com

RESUMO

O Brasil é um país que possui muitos problemas em relação à educação e a categoria docente é uma das que mais sofrem com as adversidades que surgem no cotidiano da profissão. Por ser a principal mediadora dessa relação de troca no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, o intuito deste trabalho é compreender a saúde socioemocional dos professores e professoras da rede pública estadual da cidade Fortaleza, analisando a luz da sociologia das emoções as narrativas de experiências dos docentes de uma escola de ensino básico. Verificamos também se existe atendimento especializado para esses profissionais que enfrentam inúmeras adversidades em seu cotidiano. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, com auxílio de um grupo de discussão ou grupo focal com docentes que nos cederam os seus depoimentos. Além dos recursos metodológicos de grupo focal e relatos de experiência, nos respaldamos nas análises de autores da sociologia das emoções como Norbert Elias (1994), Erving Goffman (2001) e Richard Sennett (1999), que nos ajudam a compreender as ações dos sujeitos a partir de determinadas situações. Por meio dos relatos dos professores e professoras constatamos que há uma desvalorização profissional, acúmulo de atividades e funções, desgastes emocionais, dentre outros, fazendo com

que esse grupo seja suscetível de desenvolver uma doença denominada “Síndrome de Burnout”. Essa patologia vem ganhando destaque na área da saúde pelo fato de estar relacionada com as demandas das sociedades atuais, dentre elas, muitas tarefas e falta de uma qualidade de condições e de tempo para realizá-las. Decorrente desse cenário, o exercício do magistério tem sido um dos ofícios mais atingidos. Além disso, constatamos que os docentes não possuem um preparo na sua formação que abranja, também, a educação emocional, como também não dispõem de acompanhamento especializado para enfrentarem os dilemas inerentes às suas atividades de educador, comprometendo ainda mais o seu estado emocional.

Palavras-chave: Saúde sociomocional, professores, escola.

ABSTRACT

Brazil is a country that has many problems in relation to education and the teaching category is the one that suffers the most from the adversities that arise in the daily life of the profession. As the main mediator of this exchange relationship in the teaching and learning process of students, the aim of this work is to understand the socio-emotional health of teachers in the state public network, analyzing the light of the sociology of emotions and the narrative of the experience of teachers in a teaching school. basic of the city Fortaleza, as well as, to verify if there is specialized service for these professionals who face countless adversities in their daily lives. This is a qualitative study, with the help of a discussion group or focus group with teachers who gave us their testimonies. In addition to the focus group methodological resources and experience reports, we rely on the analysis of authors of the sociology of emotions such as Norbert Elias (1994), Erving Goffman (2001) and Richard Sennett (1999), who help us to understand the subjects' actions from certain situations. Through the teachers' reports, we found that there is a professional devaluation, accumulation of activities and functions, emotional distress, among others, making this group susceptible to developing a disease called "Burnout Syndrome". This pathology has been gaining prominence in the health area due to the fact that it is related to the demands of today's societies: many tasks and a lack of quality conditions and time to carry them out. As a result of this scenario, the teaching profession has been one of the most affected jobs. In addition, we found that teachers do not have a preparation in their training that also covers emotional education, they do not have specialized monitoring to face the dilemmas inherent in their activities as an educator, further compromising their emotional state.

Keywords: Sociomotional health, teachers, school.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a profissão docente é considerada como uma das mais estressantes, tornando, muitas vezes, os profissionais vulneráveis à desenvolverem uma patologia denominada “Síndrome de Burnout”. De acordo com a definição do Ministério da Saúde, tal síndrome configura-se como “um estado físico, emocional e mental de exaustão extrema, resultado do acúmulo excessivo em situações de trabalho que são emocionalmente exigentes e/ou estressantes, que demandam muita competitividade ou responsabilidade” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

Devido se tratar de uma profissão que lida com conhecimentos teórico-técnicos; transmissão didático-pedagógica de saberes; relação permanente com grupos diversos; enfrentamento cotidiano de situações adversas (conflitos; incompreensões; disputas; hierarquias etc.), a probabilidade de adquirir algum problema de saúde torna-se alta. Além do mais, a categoria ainda lida com a desvalorização profissional, o desgaste emocional, o acúmulo de atividades e responsabilidades, como também a ausência de reconhecimento em seu ambiente de trabalho. De acordo com um dos estudiosos sobre a saúde do professor,

O mal-estar docente é uma doença social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino como no das recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhes atribui. (ESTEVE, 1999, p.144)

Ao considerar os inúmeros papéis sociais que são delegados e as condições materiais limitadas, muitos profissionais da educação desempenham duplas ou mais jornadas de trabalho. São professores, gerenciam suas famílias, administram as despesas, orientam o cotidiano de parentes sob suas responsabilidades, e muitas vezes, complementam suas rendas exercendo outros ofícios. De acordo com Richard Sennett (1999) em “A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo”, diversas áreas enfrentam alguns problemas com a chegada do novo capitalismo, tais como: a desvalorização dos profissionais e o abalo e desgaste emocional que as instituições podem produzir nos indivíduos sob a lógica do trabalho no capitalismo contemporâneo. Podemos também relacionar o adoecimento docente com “ausência e à expectativa de alguns valores: respeito, autoridade, valorização, cooperação e reconhecimento” (SILVA; PAIVA, 2018, p. 570).

Outro aspecto muito presente na cidade que repercute no ambiente das escolas são as situações de violência. Um levantamento realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), entre os anos de 2016 e 2017, aponta que das 25 escolas públicas, tanto municipais quanto estaduais de Fortaleza que participaram dessa pesquisa, 90% dos entrevistados declararam ter presenciado casos de violência no entorno da escola. Com base nas leituras empreendidas para essa pesquisa, um percentual significativo de estudantes tende a se envolver no crime, ou/e em outros casos, alguém da família encontra-se envolvido nesse tipo de prática. Também são muito recorrentes problemas relacionados à gravidez na adolescência e abuso sexual, que muitas vezes são motivos para evasão escolar ou mal desempenho na escola. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2017), 76% das adolescentes que engravidam abandonam a escola.

Nesse contexto, todos os aspectos supracitados repercutem na vida pessoal e emocional dos profissionais de educação. Em decorrência desse conjunto de fatores, a síndrome de Burnout tem sido identificada de forma sistemática nessa categoria, sinalizando que muitas vezes os professores desenvolvem tal síndrome devido ao esgotamento emocional. Nessa perspectiva, uma pesquisa realizada em 2007 pela psicóloga Nádia Maria Beserra Leite professora da Universidade de Brasília (UnB) revelou que mais de 15% dos professores de escolas públicas do Distrito Federal convivem com essa síndrome. Entretanto, se os dados forem os mesmos ou semelhantes a estes em outros estados do país, cerca de 300 mil professores estariam sendo afetados pela síndrome de Burnout no Brasil.

A partir desse cenário e com base nesses dados, levantamos as seguintes questões: quem cuida da saúde socioemocional desses profissionais? O acompanhamento e atendimento psicológico são disponibilizados na rede pública estadual para docentes? E com relação a disponibilidade desses profissionais para os professores, haveria essa política pública no/de Estado? Com efeito, o presente estudo tem como objetivo compreender a luz da sociologia das emoções a saúde socioemocional dos professores da rede pública estadual, tendo como referência empírica as narrativas de experiências dos docentes de uma escola de ensino básico da cidade Fortaleza no Estado do Ceará, Brasil.

2 METODOLOGIA

No primeiro semestre do ano de 2019, realizou-se um grupo de discussão que funcionou como grupo focal orientado por 10 (dez) questões relacionadas com a temática da pesquisa. O grupo foi constituído por 5 (cinco) professoras da escola pública EEFM Dom Hélder Câmara, localizada no Bairro Quintino Cunha na Regional III do Município de Fortaleza. Tal recurso metodológico nos proporcionou um maior contato com a realidade investigada, como também fundamental o acesso qualitativo aos relatos de experiências vivenciadas pelos docentes com foco nas narrativas de seu cotidiano. Que como descreve Sonia Penin (1989) é “uma realidade específica entendida como “presença” única (por exemplo, a realidade escolar), é uma obra socialmente construída por aqueles que a vivenciam” (PENIN, 1989, p. 28).

Além do grupo focal e dos relatos de experiência, fundamentamos nossas discussões e análises a partir das referências teóricas de autores do campo da Sociologia das Emoções, tomando como inspiração os estudos de Georg Simmel “Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade” (2006) Norbert Elias na obra “O Processo Civilizador” (1994), Erving Goffman com “Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face” (2011) e Richard Sennett na obra

“A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo” (1999). Nos respaldamos, portanto, nas análises dos teóricos supracitados seguindo o itinerário de suas propostas teórico-metodológicas que nos convidam para discutir relacionalmente e reflexivamente as categorias de indivíduo, personalidade, estrutura e sociedade a partir de uma análise microsociológica das emoções em direção a uma reflexão macrosociológica.

3 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Pensar a saúde socioemocional dos profissionais da área da educação básica é uma temática que ainda carece de muitas reflexões. Nesse sentido, tratar da qualidade dos estados emocionais de professores e professoras da escola pública é dimensionar também aspectos sociológicos da constituição da escola como instituição social, ambiente de ensino e aprendizagem básica que exerce relevante papel na produção de sociabilidades que perpassam a vida psíquica dos agentes sociais.

Na perspectiva sociológica essa sociabilidade (SIMMEL, 2006) é perpassada por conflitos internos e externos aos indivíduos que orientam as maneiras de ser e agir do sujeito moderno. Esse aspecto presente na reflexão de Simmel, dialoga com o que Norbert Elias identificou a partir de suas pesquisas sobre “O processo Civilizador” nos volumes 1 e 2, as mudanças de hábitos e o aumento do controle social e do autocontrole das emoções.

De acordo com Elias, há no limiar da modernidade, uma espécie de aumento do controle social, e, sobretudo, do autocontrole das emoções. As emoções de algum modo são quase que retiradas da esfera das relações públicas. No entanto, uma vida cotidiana “menos emocional” não significa uma radicalização ou perda total do sentido e vivência das emoções pelos indivíduos, mas como assinala Elias, um “deslocamento”, que reconfigura o espaço da experiência das emoções à dimensão da vida interior que deve, portanto, ser autorregulada a partir de limites de uma “liberdade individual” do Eu.

A experiência autorregulada das emoções, com a qual se depara Elias (1993), evidencia, entre outras coisas, que as mudanças advindas com o processo civilizador durante os séculos XVII e XVIII introjetaram os sentimentos humanos em uma espécie de “caixinha individual”. Em Elias vemos, então uma real transfiguração dos estados emocionais para o interior da vida humana, isto é, para o campo da subjetividade. A própria ideia de que “o campo de batalha foi, em certo sentido, transportado para dentro do indivíduo” (ELIAS, 1993. p. 203) significa que os conflitos físicos e corporais desencadeados pelos sentimentos de ódio, vergonha, humilhação, raiva, indignação “perdem” seu lugar na esfera externa da vida e são internalizados nas subjetividades.

Com base nos “achados de pesquisa” de Norbert Elias, no processo civilizador, pode-se inferir que a constante negação das emoções em uma cena pública é resultado não apenas de uma educação dos corpos, mas também de um *habitus*. Segundo Elias esses controle e autocontrole das emoções é produto de uma dinâmica histórica que se deu de modo processual por meio do desenvolvimento de hábitos cotidianos. Para explicar tal processo Elias propõe uma análise histórica que ele também classifica de sociogênese. Elias identificou de modo pioneiro no campo da teoria social, o avanço do limiar da vergonha e do constrangimento como responsáveis por transformações nos padrões sociais de comportamento e de autocontrole dos indivíduos na modernidade (SCHEFF, 2016).

A proposta de investigação eliasiana do estudo das emoções humanas tem, portanto, como ponto de partida a hipótese de que “nenhuma emoção de uma pessoa adulta é inteiramente inata, um modelo de reação genericamente fixado” (ELIAS, 2009. p. 35). De acordo com Elias, as emoções são construídas na associação entre processos biologicamente naturais e socialmente adquiridos. Para Elias é por meio dessa articulação entre as condições inatas, o conhecimento e práticas adquiridas que é possível compreender os aspectos que estruturam e organizam a personalidade humana. Em *A Sociedade dos Indivíduos* (1987), Elias propõe um modelo de reflexão para a teoria social, na qual a problematização considera os aspectos emocionais e sentimentais como componentes da relação tensa entre indivíduo e sociedade.

A modificação nos estilos de vida social impôs uma crescente restrição aos sentimentos, uma necessidade maior de observar e pensar antes de agir, tanto com respeito aos objetos físicos quanto em relação aos seres humanos. Isso deu mais valor e ênfase à consciência de si mesmo como um indivíduo desligado de todas as outras pessoas e coisas. O desprendimento no ato de observar os outros e se observar consolidou-se numa atitude permanente e, assim cristalizado, gerou no observador uma ideia de si como um ser desprendido, desligado, que existia independentemente de todos os demais (ELIAS, 1994. p. 91).

Elias (1994) mostra, portanto, que a emergência dessa autoconsciência de si, é um dos reflexos produzido pelos processos civilizadores. Em outras palavras, o que faz o indivíduo moderno, urbano e industrial se reconhecer como autossuficiente e independente dos demais e da sociedade que integra, é a crescente gama de especializações de funções produzidas pela divisão do trabalho. A complexidade por trás dessa configuração social, política, cultural e econômica repercute no modo como os cidadãos se veem, em uma espécie de autoimagem de “um eu isolado e sozinho”.

Nas grandes cidades o sentimento e percepção de isolamento e solidão é muito latente. Elias descreve a paisagem urbana da seguinte forma:

Basta pensar no burburinho das ruas das grandes cidades: a maioria das pessoas não se conhece. Umas quase nada têm a ver com as outras. Elas se cruzam aos trancos, cada qual perseguindo suas próprias metas e projetos. Vão e vêm como lhes apraz. [...] Mas há, sem dúvida, um aspecto diferente nesse quadro: funcionando tumulto de gente apressada, apesar de toda a sua liberdade individual de movimento, há também, claramente, uma ordem oculta e não diretamente perceptível pelos sentidos. Cada pessoa nesse turbilhão faz parte de determinado lugar. Tem uma mesa à qual come, uma cama em que dorme; até os famintos e sem teto são produtos e componentes da ordem oculta que subjaz à confusão. Cada um dos passantes, em algum lugar, em algum momento, tem uma função, uma propriedade ou trabalho específico, algum tipo de tarefa para outros, ou uma função perdida, bens perdidos e um emprego perdido (ELIAS, 1987. p. 20 - 21).

Essa cena alusiva a vida nas cidades, evocada pelo autor é significativa para ilustra que prevalece na realidade metropolitana, como também assinalou Simmel, uma espécie de forte anonimato. Na cidade o outro é sempre o desconhecido. Os espaços públicos como ruas, praças, parques e escolas, apesar de serem habitados e praticados pelas pessoas, são vistos paradoxalmente como desprovidos das emoções humanas.

Para a sociologia processual de Elias é fundamental observar o mundo social a partir de uma rede de relações e funções de interdependências, na qual os indivíduos estão envolvidos ininterruptamente em um *continuum* social. Essa é, talvez, um dos maiores *insights* de Norbert Elias: ter observado que a vida social é perfilada por essa trama (in)visível que é extremamente complexa. Uma trama social constituída por rede de redes que se desdobram e que em determinado espaço se fragmentam e em outros germinam e produzem mais teias de relações e funções. Portanto, estamos envolvidos e atravessados por essas redes. Por meio das quais integramos a sociedade e a partir das quais somos integrados nela.

Seguindo o itinerário de autores clássicos da Sociologia das Emoções, Erving Goffman (2011) é entre estes o que também desenvolveu significativas contribuições para o estudo sociológico das emoções. A partir de uma abordagem teórico-metodológica interacionista, o autor investiga os comportamentos sociais nos lugares públicos, tendo como unidade de análise as interações face a face dos cidadãos. Com efeito, o interacionismo simbólico privilegia os significados que os indivíduos articulam no momento das interações. Nessa perspectiva, importa observar o contexto da interação construído simbolicamente pelos atores sociais.

A sociologia de Goffman está interessada metodologicamente em compreender como as relações sociais e práticas interativas vão sendo tecidas e teatralizadas em uma trama social de situações do cotidiano pelos atores sociais. Para Goffman (2011) estar de frente (face a face) com o “Outro” é, sociologicamente, um drama. Estar de frente para o outro é uma situação socialmente dramática porque é um modo de exposição na qual o indivíduo tem que sustentar uma “fachada”. Por mais que seja uma situação ordinária e até mesmo banal, o encontro com o outro é na perspectiva de Goffman algo que envolve elementos ritualísticos na interação.

A “fachada” é segundo Goffman (2011) a linha que uma pessoa efetivamente assume ou mantém de apresentação do “Eu”. Esta fachada é uma construção simbólica sustentada e partilhada de modo intersubjetivo pelos indivíduos a partir de suas comunicações agentivas. Essas fachadas estão inseridas ou ficam evidentes mediante os fluxos e contrafluxos de encontros, situações e eventos sociais. Goffman contribuí de maneira sofisticada para pensar a presença nos ambientes públicos de emoções que circunscrevem de maneira direta ou indireta o constrangimento, ou como reformula Thomas Scheff (2016), a vergonha no self e na sociedade. Goffman (2011) aponta que sentimentos e sensações como de “embaraço”, “desconforto”, “alvoroço” fazem parte de situações do domínio do constrangimento.

No contexto escolar de Fortaleza pudemos identificar esses sentimentos e conflitos subjetivos a partir dos relatos de experiências dos professores do ensino básico. Os resultados obtidos foram importantes para confirmar as hipóteses de pesquisa. Dentre eles destacamos as situações vivenciadas pelos docentes da rede pública que passam por muitas situações delicadas em seu cotidiano, que tendem a abalar a sua estrutura emocional no ambiente de trabalho.

Mostraria como as relações cambiantes de poder, intra e interestatais, influenciam a formação dos sentimentos nessa área. Na verdade, a manipulação dos sentimentos em relação ao Estado e à nação; ao governo e ao sistema político, é uma técnica muito difundida na *práxis* social. Em todos os Estados nacionais, as instituições de educação pública são extremamente dedicadas ao aprofundamento e à consolidação de um sentimento-nós exclusivamente baseado na tradição nacional. Toda essa área ainda carece de uma teoria social factual e prática que nos permita compreender essas questões e, desse modo, nos ajude a superar a ideia de uma existência separada do indivíduo e da sociedade. ” (ELIAS, 1994, p.171-172)

A necessidade de estarem permanentemente estudando para transmitir um conhecimento claro e competente para os estudantes, esbarra com as situações cotidianas repletas de conflitos, incompreensões, concorrências e falta de tempo para aprofundar estudos e planejamentos. A desvalorização dos professores aparece como um problema que repercute na sua saúde física e

mental. As duplas jornadas de trabalho, o desgaste emocional, a baixa remuneração salarial foram, por exemplo, algumas das questões mais citadas no grupo focal. Isso, para o autor Richard Sennett, “desorienta a ação a longo prazo, afrouxa os laços de confiança e compromisso, e divorcia a vontade do comportamento” (SENNETT, 1999, p. 33).

Os relatos dos professores são significativos registros que evidenciam o espaço de pontos de vista. Trazem à tona sentimentos e conflitos internos produzidos ou acentuados a partir do contexto social de exercício da prática pedagógica. Expressam nessa lida suas afetações, inseguranças e angústias, relatando situações de esgotamento físico e psicológico. Em suas narrativas transparece, como diria Pierre Bourdieu (2012), certo teor de sofrimento social, de uma profissão diariamente exposta às pequenas misérias do mundo.

Não tem como não sentir não, a gente sente, chora, abraça junto. Um aluno chegar na escola e saber que a família todinha foi assassinada, só restou ele, é bem difícil ou você saber que um aluno seu matou, foi seu aluno e matou outra pessoa, um ser humano, também é muito difícil. Eu não consigo não, às vezes passa dias para você melhorar, mas assim para melhorar você rir junto, fala brincando, leva para uma aula de campo diferenciada... **(Professor 1)**.

Esse bate papo só entende quem é da área da educação, quem não é da área que ouvir essa conversa vão dizer que somos doidas... Dizer que o professor não sofre junto em alguns momentos, sofre... Problemas pessoais, todo mundo tem, uns têm mais outros tem menos, mas a gente vai tentando. Aquela história ‘aí eu chego no colégio e o problema fica na porta, eu entro e ele fica lá’, isso não existe, eu não acredito nisso, não sou um robô, eu tenho sentimentos... **(Professor 2)**.

[...] com uns 5 anos que eu trabalhava na prefeitura, eu fui para uma turma de aceleração, foi o meu primeiro desafio que eu encontrei na área da educação que eu pensei que eu ia desistir. No meio do ano eu peguei uma crise de estafa tão grande... eu não conseguia comer, minha boca papocou todinha, minha boca tinha umas feridas, depois foi diagnosticado como uma crise de estresse. E aí fui tentar ter a válvula de escape... eu sou professor, tô tentando fazer a minha parte, mas eu não posso mudar o mundo, eu vou tentar mudar essas pessoas aqui, porque o mundo eu não tenho condição... eu disse pro meu diretor da época, se você quiser que eu continue aqui, você nunca mais vai me dar uma turma de aceleração. E ele disse que foi ótimo por ser um desafio e por eu ter cumprido meu trabalho, mas eu disse: então eu vou morrer. A realidade é essa, porque a gente cuida dos meninos, mas é a sua pergunta, quem cuida de nós? Da saúde mental do professor? Quem cuida de um professor quando ele perde um aluno que era seu de dentro da sala de aula? Você tem que ter muito suporte pra isso. E mais uma vez, em alguns momentos a gente não sente isso **(Professor 2)**.

A escola, estrutura, às vezes o Estado, alguns setores, não consegue entender que é um pouco diferente você falar e você tá convivendo lá na sala de aula. O meio em que a gente vive, infelizmente, a violência tá grande e vem pra dentro da escola... outra parte que eu acho também, a desejar, é o alicerce familiar, falta. Infelizmente, aquela frase que diz que

os pais estão deixando a educação para os professores, a educação de casa, é verdade, é constante (**Professor 3**).

Não, o Estado não oferece não. Meu psicólogo é minha estrutura familiar ou então se precisar, porque às vezes a gente precisa mesmo, você vai procurar mesmo. Aqui não, aqui em relação assim, a amizade que a gente cria, né? Com o tempo a gente passa a ter... esse elo também é muito bom, a gestão muito boa, ajuda (**Professor 4**).

Os professores também não são preparados para enfrentarem as situações de violências, como também, conversarem individualmente com alunos ou alunas sobre problemas de fórum íntimo, como gravidez, diversidades sexuais, aborto, drogas, discriminação de raça, etnias, credos etc. Nesse contexto, o quadro de desenvolvimentos de doenças, como “Síndrome de Burnout”, torna-se bastante recorrente e preocupante.

A relação professor-alunos está, na verdade, sujeita a parâmetros vários, exemplificados pelos dados culturais respectivos e pela rápida evolução da forma de estar da juventude, parâmetros que nos alertam para as dificuldades desse relacionamento. (ALVES, 2003, p. 24-25)

Para Mary Sandra Carlotto (2002) estudiosa da temática, a “síndrome de Burnout” pode ser compreendida a luz da perspectiva da psicologia social como um tipo de estresse ocupacional que acomete profissionais que exercem trabalhos e atividades nos quais são estabelecidos um grau significativo de laços emocionais. Segundo a autora a docência é um dos ofícios que apresenta maior vulnerabilidade em razão da atuação no magistério ser desenvolvida em um ambiente de “intenso envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo” (CARLOTTO, 2002, p. 21).

Segundo a análise da autora com base em seu estudo, a síndrome de Burnout é definida a partir da

Exaustão emocional, caracterizada por uma falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos; despersonalização, que se caracteriza por tratar os clientes, colegas e a organização como objetos; e diminuição da realização pessoal no trabalho, tendência do trabalhador a se auto-avaliar de forma negativa. As pessoas sentem-se infelizes consigo próprias e insatisfeitas com seu desenvolvimento profissional (CARLOTTO, 2002, p. 23).

Nesse sentido, podemos compreender a síndrome de Burnout como processo de adoecimento que está relacionado a diversas causas individuais e estruturais. Daí sua classificação como fenômeno complexo produzido por diferentes interações sociais que muitas vezes

ultrapassam o ambiente de sala de aula ou são radicalizados a partir dela, como sinaliza a pesquisadora,

Burnout em professores é um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho. Este ambiente não diz respeito somente à sala de aula ou ao contexto institucional, mas sim a todos os fatores envolvidos nesta relação, incluindo os fatores macrossociais, como políticas educacionais e fatores sociohistóricos (CARLOTTO, 2002, p. 25).

Nesse itinerário, um interessante estudo de caso realizado com professores de uma escola pública na cidade de Petrolina- PE verificou que este tipo de síndrome é resultante de uma condição de estresse crônico e profundo. A pesquisa no ambiente escolar do sertão pernambucano identificou também que o adoecimento físico e socioemocional dos docentes está relacionado com dimensões e aspectos sociodemográficos, laborais e psicossociais que afetam direta e indiretamente a situação e condição de saúde dos profissionais da educação básica (DE OLIVEIRA MESSIAS, et al. 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme propõe Paulo Sérgio Silva (2006), seria necessário

A realização de pesquisas em que modelos de organização escolar sejam adotados visando à saúde mental dos professores, à melhoria do trabalho pedagógico, ao crescimento intelectual, afetivo e moral dos alunos. Precisamos pesquisar a organização do trabalho escolar com vistas à construção de espaços de crescimento e de bem-estar. Ao longo da história criamos organizações que estiveram aprisionadas por seus rituais alienadores prejudicando os sonhos humanos de felicidade. Que a escola do futuro seja um espaço de autonomia e de felicidade (SILVA, 2006, p. 208 - 209).

Diante dessas reflexões, concluímos o trabalho com a certeza que as discussões, pesquisas e leituras sobre a saúde socioemocional de professores e professoras demandam muitos estudos, investimentos e ações comprometidas do Estado. É preciso que as políticas públicas de educação e a própria instituição escolar passem a investir na formação continuada e valorização dos docentes a fim de que a profissão tenha o respeito e a dignidade devidamente reconhecidos por todos.

A sociedade precisa vislumbrar a figura de professores como profissionais envolvidos com a formação intelectual e humana de outros. E, para que essa educação seja satisfatória, torna-se necessário um acompanhamento contínuo dessa categoria, seja no que concerne às orientações de aprendizagens qualitativas, seja no amparo ao enfrentamento das situações adversas que ocorram nos espaços escolares. Somente com um apoio global a esse profissional, que tem como uma das

principais missões formar pessoas para exercerem a cidadania, poderemos trilhar na conquista de uma sociedade mais justa.

Observamos que psicólogos são disponibilizados na rede pública estadual para os alunos, mesmo não havendo uma regularidade de encontros e muitas escolas não contarem com esse serviço. Identificamos ainda em nossa pesquisa na escola que não existe acompanhamento psicossocial para os docentes. Verifica-se que a questão da saúde emocional dos professores e professoras ainda é, de modo geral, uma demanda negligenciada pelas instituições de ensino público, e, portanto, pelas políticas públicas do Estado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco Cordeiro. **Conflito, insegurança, insatisfação**: três condicionantes da actividade docente a ultrapassar. Revista Galego-portuguesa de psicoloxía e educación n° 8 (vol. 10) ano 7º-2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde. **Síndrome de Burnout: causas, sintomas, tratamentos, diagnóstico e prevenção**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-LISBR1.1-46585>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Portal do Professor. **Burnout: síndrome afeta mais de 15% dos docentes**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: < <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=38>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 9. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de *burnout* e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.academia.edu/8588604/A_s%C3%ADndrome_de_Burnout_e_o_trabalho_docente> Acesso em: 30 ago. 2019.

DE OLIVEIRA MESSIAS, Inalda Maria et al. A síndrome de burnout em professores de uma escola pública em Petrolina-PE/Burnout syndrome in teachers of a public school in Petrolina-PE. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 5, p. 3856-3866, 2019.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Organizado por Michael Schöter; tradução, Vera Ribeiro: revisão técnica e notas Renato Janine Ribeiro. – Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador**. vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **O Processo Civilizador**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBERA, Ademir; WOUETRS, Cas (ORGs). **O controle das emoções**. João Pessoa: PB. Editora Universitária da UFPB, 2009.

ESTEVE, José M. **Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde do professor**. São Paulo: EDUSC, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. 2011.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA; Raoni Borges Barbosa (ORGs). **A vergonha no self e na sociedade de Thomas Scheff**. Recife: PE. Coleção Cadernos do GREM, Nº 10, 2016.

PENIN, Sonia. **Cotidiano e escola: a obra em construção**. São Paulo: Cortez, 1989.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, Paulo Sérgio. **Saúde Mental do Professor**. São Paulo: Expressão & Arte, 2006.

SILVA, Selma Gomes; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. O pathos docente em narrativas: relações entre trabalho, subjetividades docentes e adoecimento psíquico. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v.49, n. 1, p.535-577, 2018.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1979.

_____. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.